

# Revisão de Estrutura: Crônica

## Texto 1

— QUERO LASANHA.

Aquele anteprojeto de mulher — quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia — entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

— Meu bem, venha cá.

— Quero lasanha.

— Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

— Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada — lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

— Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede fritada bem bacana de camarão.

Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

— Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha. Que tal?

— Você come camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

— Quero uma lasanha.

O pai corrigiu:

— Traga uma fritada de camarão pra dois. Caprichada.

A coisinha amuou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações também se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

— Môço, tem lasanha?

— Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

— O senhor providenciou a fritada?

— Já, sim, doutor.

— De camarões bem grandes?

— Daqueles legais, doutor.

— Bem, então me vê um chinite, e pra ela... O que é que você quer, meu anjo?

— Uma lasanha.

— Traz um suco de laranja pra ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

— Estava uma coisa, hem? — comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. — Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

— Agora a lasanha, não é, papai?

— Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer mesmo?

— Eu e você, tá?

— Meu amor, eu...

— Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.

*Carlos Drummond de Andrade*

*Texto extraído do livro “O poder ultra jovem”.*

## Texto 2

### Intelectual? Não.

Outra coisa que não parece ser entendida pelos outros é quando me chamam de intelectual e eu digo que não sou. De novo, não se trata de modéstia e sim de uma realidade que nem de longe me fere. Ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso é a intuição, o instinto. Ser intelectual é também ter cultura, e eu sou tão má leitora que, agora já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura. Nem sequer li as obras importantes da humanidade. Além do que leio pouco: só li muito, e li avidamente o que me caísse nas mãos, entre os treze e os quinze anos de idade. Depois passei a ler esporadicamente, sem ter a orientação de ninguém. Isto sem confessar que – dessa vez digo-o com alguma vergonha – durante anos eu só lia romance policial. Hoje em dia, apesar de ter muitas vezes preguiça de escrever, chego de vez em quando a ter mais preguiça de ler do que de escrever.

Literata também não sou porque não tornei o fato de escrever livros “uma profissão”, nem uma “carreira”. Escrevi-os só quando espontaneamente me vieram, e só quando eu realmente quis. Sou uma amadora?

O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal.

*Clarice Lispector*

*Texto de 2 de novembro de 1968, extraído do livro “A descoberta do mundo” (crônicas publicadas no Jornal do Brasil de 1967 a 1973).*

## Texto 3

### Casa comigo

Os dois namorados estavam dentro do carro, à noite, estacionados em frente ao prédio da excelentíssima, discutindo a relação. Discutindo mesmo, aos berros, brigando. Em meio a algum pra mim chega!, surgiram dois meliantes armados e interromperam aquele bate-boca. Transferiram os namorados para o banco de trás e saíram em disparada com eles: sequestro relâmpago.

Rodaram a cidade durante 50 minutos, fizeram saques em caixas eletrônicos, até que os levaram para um lugar ermo, no meio do mato.

Duas coronhadas, uma em cada um, rostos sangrando, mas era pouco: despiram os dois, deixando-os apenas com a roupa de baixo, e os amarraram em troncos de árvores. Não houve agressão sexual, mas não se pode dizer que foi um passeio no bosque. Em plena madrugada, abandonaram o casal imobilizado e seguiram com o carro do rapaz rumo à impunidade garantida. Restou o silêncio. Assustados, os dois tentaram, tentaram de novo, e conseguiram, finalmente, se desamarrar. Livres, sozinhos, sem saber onde estavam, olharam um para o outro e tiveram um ataque de riso. Ele a abraçou fortemente e só conseguiu dizer duas palavras: "Casa comigo".

Aconteceu mesmo. Quem me contou, olho no olho, foi a protagonista feminina da história. Eu não conseguiria imaginar pedido de casamento mais romântico. Sem vinho, sem luz de velas e sem anel de brilhantes - um pedido movido simplesmente pela emergência da vida, pela busca de uma felicidade genuína, pela supressão da razão em detrimento da emoção verdadeira.

Estavam para morrer, os dois. Foram unidos pelo mesmo pensamento desde que foram surpreendidos por dois estranhos armados: acabou. Não tem mais por que discutir a relação. Não tem mais relação. Não tem mais manhã seguinte. Não tem mais futuro. Acabou. Que perda de tempo. Para que brigar? Para que se estressar com ciúmes, com queixas, com mágoas? Acabou.

E então descobrem que não acabou. Desamarram-se, estão nus por fora e por dentro, despidos de qualquer racionalidade, apenas aliviados com o desfecho da aventura e absolutamente tomados pela potência do que é essencial na vida. O amor.

Casa comigo.

Estão casados há 10 anos. Não sei se plenamente felizes. É provável que os motivos dos ciúmes e das queixas e de tudo aquilo que explodiu naquela discussão dentro do carro antes do sequestro tenha se repetido outras vezes. A realidade impõe os seus caprichos. Obriga a gente a pensar e manter a sanidade. Maldita sanidade.

Mas houve um momento em que eles não pensaram. Só sentiram. Sentiram tudo. Sentiram sem amarras. Sentiram soltos. Sentiram livres. Pura emoção. E a emoção se impôs: casa comigo. Tiveram os piores padrinhos do mundo: a violência e o medo. Mas que beijo deve ter sido dado ali no meio do nada.

Martha Medeiros

Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/06/leia-cronica-que-martha-medeiros-fez-para-casal-que-reatou-apos-sequestro.html>.

## Tema de redação 1

### Prova de amor

"Meu bem, deixa crescer a barba para me agradar", pediu ele.

E ela, num supremo esforço de amor, começou a fiar dentro de si e a laboriosamente expelir aqueles novos pelos, que na pele fechada feriam caminho.

Mas quando, afinal, doce barba cobriu-lhe o rosto, e com orgulho expectante entregou sua estranheza àquele homem: "você não é mais a mesma", disse ele.

E se foi.

Marina Colasanti

## Texto 2

### Embora sem náusea

Jantava com a amante em restaurantes espelhados.

Mal acabava o *maître* de flambar a sobremesa, ia ele se trancar no banheiro. Com a mão metida funda na garganta, vomitava vermelhas lagostas, sanguíneos molhos, e as labaredas do conhaque.

Depois ia para casa, jantar com a esposa.

Deitava com a amante em espelhados motéis.

Mal corria a água da ducha, já ele se trancava no banheiro. Com a mão metida funda na garganta, vomitava ou louros cachos, as louras coxas, as labaredas da amante.

Depois ia pra casa, deitar com a esposa.

*Marina Colasanti*

## Texto 3

### "Uma vez por semana, no crepúsculo"

Todas as terças-feiras, quando no princípio da tarde saía para encontrar-se com o amante, colocava na bolsa o coração. Assim era mais fácil de ofertar.

Chegava, trocava os primeiros abraços, e antes que os dedos desfizessem botões, colhia o coração entre o lençinho rendado e as chaves de casa, para colocá-lo, palpitante, sobre a mesinha-de-cabeceira.

Ali ficava, lâmpada votiva assistindo o rito dos amantes, até que o esvair-se do dia submergisse o quarto no sangue crepuscular, tornando impossível saber se dele, ou do sol morrente, vinha a trêmula luz.

Fazia-se hora de partir. Recomposta a ordem das roupas, ela suspirava ajeitando a *voilette* sobre os olhos do fecho trancava na bolsa, até a próxima semana, o amor eterno. Brilhava sobre o mármore da mesinha a mancha úmida.

*Marina Colasanti*

## Texto 4

Traição, vida dupla, rotina, separações, divórcios. Essas são palavras comuns em discussões sobre relacionamentos. Hoje, com o mundo em constante mudança, tudo se torna efêmero, fugaz. Diante disso, o homem moderno parece trazer essa necessidade de mudança imediata, que a sociedade capitalista impõe, para as suas relações pessoais. Com isso, percebemos que, na ânsia de ser feliz e de ter uma satisfação plena, troca-se constantemente de parceiros, como se fossem testes, até que um dia se possa acertar. O problema é que não se faz test-drive com pessoas e com sentimentos.

*Comentário da banca*

Os textos da escritora Marina Colasanti, extraídos do livro "Contos de amor rasgados", relatam situações acerca dos relacionamentos. Como esse é um assunto próprio do cotidiano das pessoas e que faz um retrato da sociedade moderna, nada melhor do que uma **crônica** para ilustrar tais questões. Pensando nisso, construa uma pequena crônica abordando o assunto. Para tal, crie personagens e um enredo crítico sobre o tema.

## Tema de Redação 2

Leia atentamente os textos apresentados abaixo, que tratam de um problema que já levou o povo às ruas uma vez e, provavelmente, ainda causará muita indignação:

### Texto 1

Uma questão-chave que precisa ser compreendida: a cidade condiciona as formas de mobilidade, como as condições de mobilidade influem sobre a cidade. Conectar as dimensões nos leva a perguntar: que mobilidade para qual tipo de cidade? A forma da cidade, morfologia urbana, não pode ser abstraída quando se pensa a mobilidade urbana. Mas, por incrível que pareça, tudo o que acompanhamos sobre as questões relativas à mobilidade urbana nas cidades brasileiras ignora essa relação.

*Trecho disponível em <http://www.cartanaescola.com.br/single/show/157>.*

### Texto 2

O trânsito se tornou uma das maiores dores de cabeça para a população. O acúmulo de veículos nas ruas causa prejuízos, estresse, acidentes e poluição, e tende a piorar nos próximos anos, caso não sejam adotadas políticas mais eficientes.

O problema agravou-se nas últimas décadas graças à concentração de pessoas nas cidades, à falta de planejamento urbano, aos incentivos à indústria automotora e ao maior poder de consumo das famílias. Isso tudo provocou o que os especialistas chamam de crise de mobilidade urbana, que acontece quando o Estado não consegue oferecer condições para que as pessoas se desloquem nas cidades.

Segundo o relatório “Estado nas Cidades da América Latina e Caribe”, 80% da população latino-americana vive em centros urbanos e 14% (cerca de 65 milhões) habita metrópoles como São Paulo e Cidade do México. Ocorre que esse aumento contínuo da população urbana não foi acompanhado por políticas de urbanização e infraestrutura que resolvessem questões como moradia e transporte.

*Trecho disponível em <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/mobilidade-urbana-como-solucionar-o-problema-do-transito-nas-metropoles.htm>*

### Texto 3



**Texto 4**

É muito triste perceber a total ausência de compreensão de algumas pessoas para um problema que vem afligindo Niterói e muitas outras cidades: a falta de mobilidade urbana. Concordo que transporte de massa, decente, deve ser uma das prioridades, mas vivemos em uma época que é preciso pensar em outras soluções. Em nossa cidade, com algumas distâncias bem pequenas, a bicicleta é sim uma ótima opção de mobilidade. Só que é preciso um processo educacional geral, para o pedestre (sim, sim), ciclistas, motociclistas e motoristas.

*Carta do leitor Marcos Santiago Disponível em  
<http://www.ofluminense.com.br/editorias/opiniaao/carta-do-leitor-08-11-2014>*

Tendo lido a coletânea, e podendo aproveitá-la em sua redação, elabore uma **crônica** a partir do seguinte recorte temático:

**O planejamento da mobilidade urbana no Brasil, que deixa a desejar, afeta principalmente a quem?**

**Instruções:**

1. Imagine um(a) trabalhador(a) ou estudante que, a caminho de sua função, sofre com os problemas da mobilidade urbana todos os dias.
2. Narre esses problemas da personagem, que não tem escolha e precisa enfrentar essa falta de planejamento.
3. Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.
4. A **crônica** pede situações cotidianas e um texto mais objetivo, com linguagem clara e simples. Não esqueça do tom crítico.